



O mundo está cheio demais

The world is too full

Eriksen, T. H. *Overheating: an anthropology of accelerated change*. London: Pluto Press, 2016. 176 p. ISBN 978-85-7734-654-7.

Peter SCHRÖDER¹*

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil.

* E-mail de contato: peter.schroder@ufpe.br

Resenha recebida em 24 de agosto de 2020, versão final aceita em 15 de setembro de 2021, publicado em 22 de abril de 2022.

Um dos numerosos estereótipos sobre antropólogos é que eles nutrem uma profunda paixão por estudos microssociológicos de cenários locais. De fato, a maioria das etnografias antropológicas descreve e interpreta temas em seus contextos locais, mas também há na área uma tradição que privilegia abordar assuntos globais, e o livro de Eric Wolf, *Europe and the people without history* (1982), que já se tornou um tipo de clássico, talvez seja um dos exemplos mais eloquentes. Desde a década de 1990 consolidou-se uma antropologia da globalização como subárea temática, mas Thomas Eriksen, o autor do livro ora resenhado, critica os estudos antropológicos da globalização, porque geralmen-

te se limitam a um ou poucos aspectos do mundo globalizado, focalizando excessivamente aquelas realidades locais negligenciadas pela literatura cujos autores optaram pela visão macro.

Thomas Eriksen, professor de Antropologia Social na Universidade de Oslo, é atualmente um dos mais conhecidos e influentes representantes da antropologia no cenário internacional. Entre os seus livros mais conhecidos há uma excelente introdução à antropologia (*Small Places – Large Issues*, 1995), uma das melhores introduções aos temas etnicidade e nacionalismo (*Ethnicity and Nationalism*, 1993) e, junto com o colega dinamarquês Finn Nielsen, uma história da antropologia (*A History of Anthropology*,

2001). *Overheating* é um desdobramento das pesquisas do autor sobre os processos de aceleração dos modos de vida na hipermodernidade da globalização desenfreada (*Tyranny of the Moment*, 2001). O livro é resultado de um projeto de pesquisa mais amplo, financiado pelo *European Research Council*, sobre as três grandes crises da globalização – a ambiental, a econômica e a identitária. *Overheating – the three crises of globalisation* é constituído por uma série de projetos etnográficos interrelacionados cujo objetivo geral é produzir informações comparáveis sobre percepções, impactos e gerenciamentos locais de crises globais, tentando superar, desse modo, as miopias, tanto dos vieses antropológicos convencionais quanto das abordagens *top-down* de outras ciências sociais.

Overheating, o projeto e o livro, devem ser entendidos num sentido metafórico, mais amplo, do que apenas como uma referência aos processos de mudança climática planetária. Segundo Eriksen, nosso mundo está sobreaquecido pelas mudanças aceleradas dos modos de vida que atingem quase todas as partes do planeta de uma maneira historicamente desconhecida, cada vez mais fugindo do nosso controle.

Foi por ocasião de seu centésimo aniversário, em 2008, que Claude Lévi-Strauss comentou, melancolicamente, na breve conversa com o presidente da França naquela época, Nicolas Sarkozy, que “Le monde est trop plein” (o mundo está cheio demais). Enquanto o grande mestre da antropologia francesa estava se referindo a um mundo habitado por mais de sete bilhões de humanos, em comparação com o mundo do início do século XX, quando ele tinha nascido, Eriksen vê na observação de Lévi-Strauss um gancho para começar a apresentar um retrato do mundo atual que é “cheio demais” em

diversos sentidos, olhando não apenas para uma curva populacional ainda ascendente. Eriksen nos apresenta uma valiosa perspectiva crítica do mundo contemporâneo e uma contribuição fascinante para uma história interdisciplinar do mundo no início do século XXI, sempre insistindo na primazia do olhar para os cenários locais e, ao mesmo tempo, estudando os processos globais como inerentemente contraditórios.

A estrutura do livro pode ser descrita com facilidade. Depois de um inventário conceitual essencial para entender os argumentos do autor segue a parte central, composta por cinco capítulos que mostram e discutem aspectos do mundo sobreaquecido (consumo crescente de energia, mobilidade cada vez maior, crescimento incessante de cidades, produção exorbitante de lixo e sobrecarga informacional) para, num capítulo final, chegar a conclusões como os fenômenos discutidos podem ser entendidos como expressões de um sobreaquecimento. O mundo sobreaquecido como o conhecemos começou a se configurar, segundo Eriksen, pouco tempo depois da queda do Muro de Berlim, com a implosão dos regimes do socialismo real no Leste europeu, o fim da Guerra Fria e a expansão global avassaladora do capitalismo em sua versão neoliberal. Embora a leitura do livro seja agradável em todas as partes, são, sobretudo, os capítulos temáticos centrais com sua enorme riqueza de informações e sólidos embasamentos bibliográficos que representam a parte mais fascinante do livro.

Uma das características dos trabalhos de Thomas Eriksen, além da fluidez da linguagem, é a densidade e qualidade elevada de informações, sempre evidenciando que, para contestá-las, seria necessário apresentar um conjunto de dados e uma base bibliográfica que poderia convencer um

leitor do contrário, o que não seria tarefa fácil. A riqueza das informações, no entanto, não significa nenhuma sobrecarga para o leitor. A bibliografia é muito heterogênea, eclética, com referências das mais diversas áreas. Nem por isso o livro deixa de ser antropológico. Em todos os capítulos, Eriksen conseguiu combinar numerosos casos locais e regionais de todas as partes do mundo, frequentemente ilustrando os temas com experiências etnográficas próprias e de outros autores, às vezes em combinação com estatísticas impactantes.

No entanto, o que diferencia o livro de Eriksen de numerosos outros sobre globalização e seus impactos? A resposta é: a excelente escolha de numerosos exemplos etnográficos, a constante mudança de perspectivas do micro ao macro e vice-versa e, sobretudo, o conjunto de conceitos usados para explicar o mundo no início do século XXI. O repertório conceitual tem inspirações em referências tão heterogêneas quanto o antropólogo e teórico de sistemas Gregory Bateson (1904-1980), o biólogo evolucionista e paleontólogo Stephen Jay Gould (1941-2002) ou até a Rainha Vermelha de *Alice através do espelho* (1871), de Lewis Carroll. O inventário está composto, além dos conceitos descritivos antropoceno, neoliberalismo e choque de escalas (*clash of scales*), pelos conceitos analíticos duplo vínculo (*double bind*), flexibilidade, runaway processes, treadmill syndromes e reprodução. *Runaway processes* (ou *schismogenesis*), por exemplo, são, segundo Bateson, processos de crescimento que se reforçam mutuamente até finalmente chegar a um colapso, a não ser que apareça uma “terceira instância” que modifica as relações. Um exemplo comum é uma corrida armamentista, enquanto um exemplo de duplo vínculo é a contradição entre crescimento econômico e sustentabilidade ambiental.

Leitores à procura de uma teoria macro, talvez até representada por um único autor como Bruno Latour, ou de um grande vilão como peça central da narrativa (‘o capital financeiro’, ‘o neoliberalismo’, ‘a política dos Estados Unidos’, etc.) vão ficar decepcionados, porque Eriksen oferece uma análise complexa e diferenciada das enormes contradições do mundo globalizado atual que serve mais para refletir e inspirar do que fechar o livro depois da última página e dizer “É isso, ficou comprovado”. No capítulo final não recebemos receitas ou indicações de saídas a seguir, mas uma análise contundente sobre choques de escala (local vs. global, etc.) e sobre os mais diversos mecanismos de busca por culpados (*blaming*) pelos processos de sobreaquecimento, o que nos faz refletir imediatamente sobre as transformações políticas no mundo depois da crise econômica global de 2008, com a revitalização de novas agendas populistas nos extremos, direito e esquerdo, do espectro político. Os incômodos com o mundo sobreaquecido frequentemente se cristalizaram em polarizações inférteis em torno de pautas nacionalistas vs. globalistas. Para Eriksen, não há saídas prontas, mas é primeiro necessário entender devidamente o mundo complexo em que vivemos, porque as respostas também terão que ser complexas.

O livro ora resenhado, que é apenas o primeiro em uma série de publicações em torno do conceito de sobreaquecimento (Eriksen & Schober, 2016; Eriksen, 2018; Stensrud & Eriksen, 2019), não só desmente o estereótipo que antropólogos preferem produzir estudos locais com forte apelo subjetivista, mas é, acima de tudo, uma leitura que pode ser recomendada enfaticamente a todos os leitores deste periódico.

Referências

Eriksen, T. H. *Ethnicity and nationalism: anthropological perspectives*. London: Pluto Press, 1993.

Eriksen, T. H. *Small places – large issues: an introduction to social and cultural anthropology*. London: Pluto Press, 1995.

Eriksen, T. H. *Tyranny of the moment: fast and slow time in the information age*. London: Pluto Press, 2001.

Eriksen, T. H. (Ed.). *An overheated world: an anthropological history of the early twenty-first century*. London, New York: Routledge, 2018

Eriksen, T. H.; Nielsen, F. S. *A history of anthropology*. London: Pluto Press, 2001. (port.: História da antropologia. Petrópolis: Vozes, 2007)

Eriksen, T. H.; Schober, E. (Eds.). *Identity destabilised: living in an overheated world*. London: Pluto Press, 2016.

Stensrud, A. B.; Eriksen, T. H. (Eds.). *Climate, capitalism and communities: an anthropology of environmental overheating*. London: Pluto Press, 2019.

Wolf, E. *Europe and the people without history*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1982.